

Film, 1959

Hoje não vamos para Köln. Nem hoje,  
amanhã ou dois mil e catorze, meu bem.  
A mágoa arranha as vidraças das catedrais,

escondidas. Já foram olhos, vitrais e saudade,  
agora - com tantas crianças mortas, palestinas  
e irlandesas e decididamente apenas

humanas - cidades apenas, como todas  
as outras conurbadas, caminhadas a ferro,  
coloridas, bombardeadas e esquecidas.

Cidades nossos olhos vidraças que não coram,  
nem riem, nem choram ou menir. Mais um  
inútil estudo para o silêncio, o deserto. Ruínas.

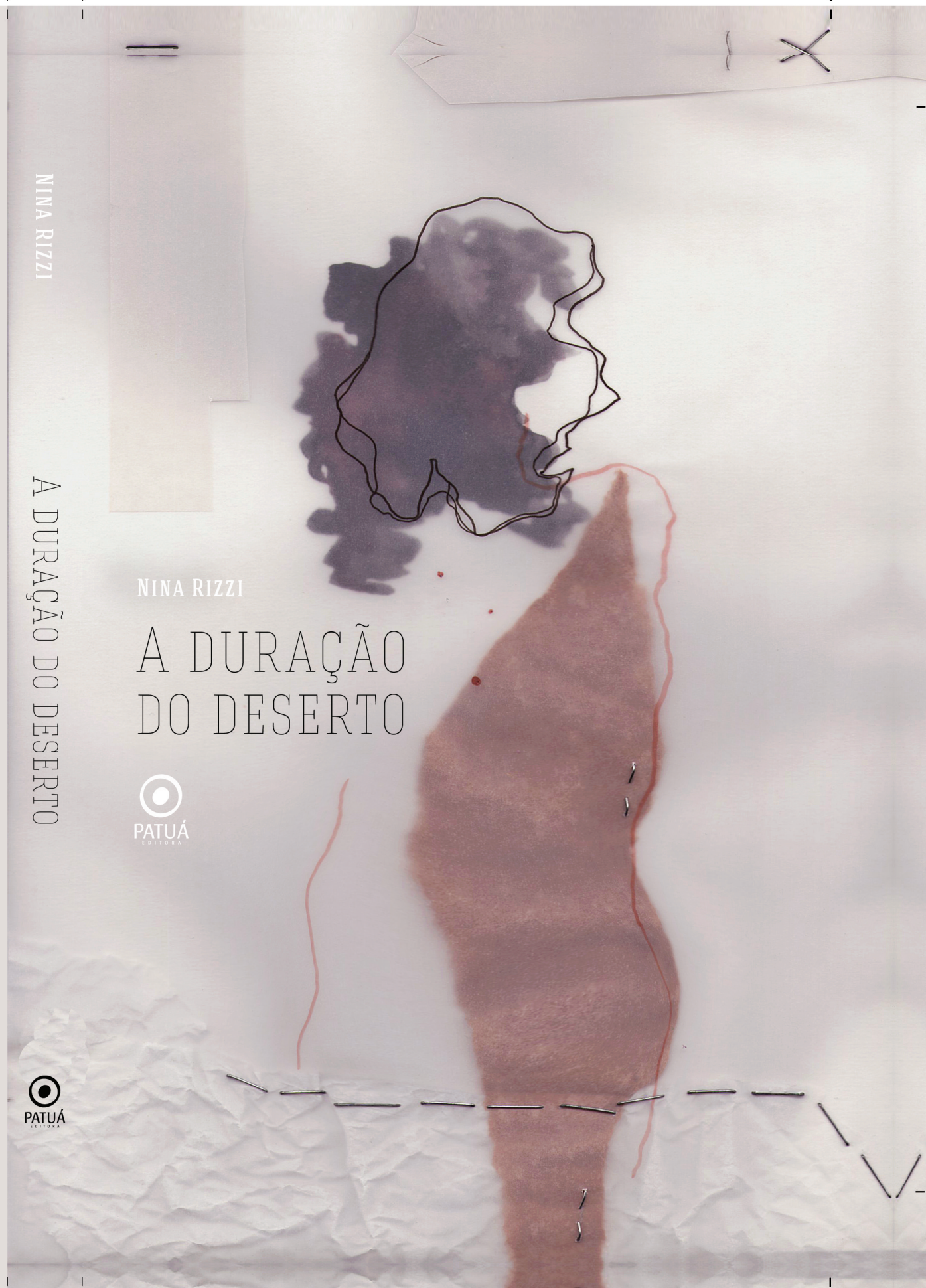


NINA RIZZI

A DURAÇÃO DO DESERTO

NINA RIZZI

# A DURAÇÃO DO DESERTO



A DURAÇÃO  
DO DESERTO

**NINA RIZZI**



Copyright © Editora Patuá, 2014.

*A duração do deserto* © Nina Rizzi, 2014.

Editor  
Eduardo Lacerda

Projeto Gráfico e Capa  
Leonardo Mathias | flickr.com/leonardomathias

R536a Rizzi, Nina.

*A duração do deserto.* / Nina Rizzi.

São Paulo: Patuá, 2014.

ISBN 978-85-8297-076-8

I.Poesia Brasileira I.Título.

CDD – 869.91

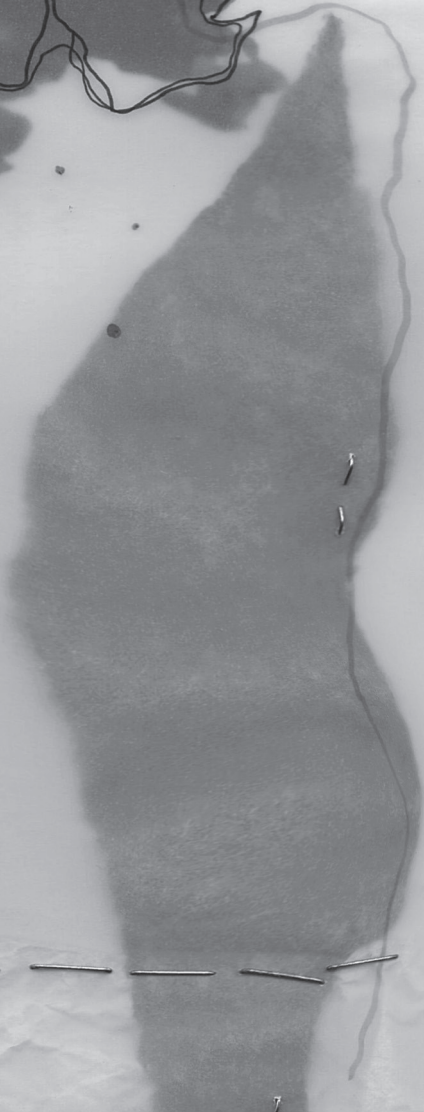
Ficha Catalográfica elaborada por Janaína Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático:

I.Poesia Brasileira : Literatura brasileira 869.91

Todos os direitos desta edição reservados à:

**Editora Patuá**  
Rua Lobato, 86  
CEP 03288-010 São Paulo - SP • Brasil  
Tel.: 11 2911-8156  
www.editorapatua.com.br





## ISTO NÃO É UMA APRESENTAÇÃO

Eu disse a N. que as tempestades solares varrerão setecentas vezes o deserto antes da tarde mansa, e que um séquito de bárbaros cruzará as ruínas das metrópoles, escavando o asfalto até adivinhar alguma vida nos subsolos; festejará os ratos e os dejetos fossilizados de uma civilização rendida. Quando for noite e todos os postes tiverem desiluminado a cidade. Quando o fósforo branco não for mais que uma mancha tatuada na face de um andarilho velho, solitário, manco de avançar as dunas de dejetos no imenso gramacho das dexistências. Será como na origem: tudo transição, contingência, diáspora. Será preciso sentir a duração do deserto. Tatear os alémbaldos, adivinhar outros vermelhos, escorregar por entre os rasgos, abrigar-se na chuva, no desvão de qualquer esperança. Quando as geografias se desintegrarem. Será preciso caminhar indefinidamente, até que também as pernas se desintegrem e em seu lugar faça-se nascer a carne de girassóis aleijados e imponentes, filhos bastardos da anti-rosa.

Eu disse a N. que este livro, lateral ao tempo e à História, resultado de sua dissociação radical em relação ao regime de luzes e à trama de invisibilidades que conforma realidade ao mundo, descrevia um esvaziamento - fotografava cidades arruinadas, silêncios holocásticos, vozes soterradas e lágrimas na chuva – desde uma negatividade não catatônica, que era também a cartografia de um êxodo. Que a carne destes poemas era a contranatureza precariamente viva que se impunha à duração do deserto, ousava existir o vácuo, a morte, o desespero e o isolamento para aprender a habitar catástrofes, atravessando-as; e procriar errâncias, desintegrar as geografias na trilha de novas terras. Caminhada de pés que só não são estrangeiros à diáspora.

**Jota Mombaça**

(Estrangeiro, Paraíba; hoje exilado em Bicha, Tanzania)







*[Para M.]*



## PREFÁCIO

Pediram, como a uma ordem

Que comesse peixe  
em lugar de qualquer palavra gordurosa

Fazer tranças do tipo espinha  
não cortar os excessos

Li ainda  
“um chevrolet gosmento é matéria de poesia

Minha antimatéria, tão pobre e lamentável  
- a busca de profecias na noite perturbada

(como conselho ouvi ainda  
meio rivotril com água)

e esse desejo tão puro de uma delicadeza terrível,  
um silêncio que se abra no poema.

1

# alvorada

“[...]”

*Para que não te percas nas cidades mortas*

*Para que não te percas*

*Nem nos comércios de Babilônia*

*Nem nos ritos sangrentos de Nínive*

*Eu aponto o teu nariz para o deserto limpo*

*Para o deserto limpo do deserto*

*Para a sua solidão de extremo a extremo*

*Por isso te debelo te combato te domino*

*E o freio te corta a espora te fere a rédea te retém*

*Para poder soltar-te livre no deserto*

*Onde não somos nós dois mas só um mesmo [...]”*

*[No Deserto, Sophia de Melo Breyner Andresen]*



## aurora simultânea sobre santa maría de onetti e grodek

*ouçam falar o vento/ esse é o paraíso*

trakl, trakl!

o enamorado do vento levou-me  
ao alto dos penhascos

estou aqui  
tão negra  
tão pura

trakl, trakl!  
ele está em meus olhos  
meus olhos estão  
atrás dos seus olhos

trakl, trakl!  
os dentes tão brancos  
os olhos tão negros  
e somos tão sujos  
e tudo é tão poderoso



trakl, trakl!  
ó flauta milagrosa  
no alto dos penhascos  
com o vento  
amolecida e bocada  
ao enamorado

Nina Rizzi

## **cantata ao namorado**

não enlace tua ideia à minha  
desabite o nome e fúria  
suzanne déchevaux-dumesnil

em um só tempo de árvores maduras  
para o alto com as mãos:  
a noite está tão fria lá fora e o silêncio pesa

vem, cola tua mão na minha  
até que seja invisível ao mundo  
como às tardes nouvelle vague

oferece ao largo tua ausência  
em detrimento de mim - insula  
e o seu duplo - epistolares

e fiquemos pois amassados  
e esquecidos – em nossa sta.maria  
calados como quem gane

**cantate à son mec**

malgré disant:

“reste encore”  
reste à mes cotês”

ce n'est que poésie.

vos démarches je me promène par nuit.

Nina Rizzi

## merindilogum pra vaqueiro

não, amor, não posso dormir  
- um medo terrível de acordar  
e nunca mais querer ir embora

c'os olhos mais moles que te posso  
entregar, acabar essa ironia e ser  
tua exposa, groen hondjie.

## merindilogum pra barqueiro

dê-me as mangas de tuas várzeas  
caibo-as todas nesse vau de rio

dê-me uma razão, sensível razão  
e pronto: nunca mais jamais o não

Nina Rizzi

pronto: azul dourados olhos vulva  
dos tambores de anya, a tua òsun.

I take care, I fit, come to me, come ye, jot

tenho o útero partido  
metade polvo, agarro as presas, desejo

a mais cuidadosa das mães  
definho, para que viva, amor

um outro tanto, descuido  
a capacidade de hiena  
riso, esfaimento, abandono

encontro em sua arte, a parte  
que me une a mim e ao todo, dialógica

matéria repleta de tentáculos  
mordo teus lábios no banheiro

imaginário, onde nada é estrangeiro  
como tudo; e guardo teu silêncio  
minha língua, angústia e fim

[eu te cuido, eu te caibo,...]

## o querer

### 1.

eu vi a foto do poeta recifense  
as mãos em sépia, zila sorria  
em minhas, cecília

Nina Rizzi

eu os via, eu os lia  
eu lhes sorria e era poema de amor derramado  
eu era toda rima pobre, tango de gerúndios

- amando, gozando, chorando e rindo e partindo  
até o vinte'agosto.

### 2.

o poema comunica  
o incomunicável

[a alma de bandeira]

## pedagogia da oferenda, 1

a mulher que me chama me faz chorar

sal por entre as bordas dos olhos que me entrega  
junto, junto

do outro lado dos rasos d'água

junto, junto  
da respiração sofrida do homem que me faz

eco entre as águas



## chamamento pra transubstanciação

pra um fio de vida, entrávamos em águas

pia, tanque, chuveirinho, ducha  
ir ao mar, molhar de todo e rio

entrei e tudo tanto, mas não teve jeito: não aparece  
quase  
como antes tempo-quando

Nina Rizzi

## pastoral de yansã e a mulher que não se sabe

eu gostava de me perder e lambuzar  
no acidente entre suas pernas, adorava

inspirava o ar que lhe saía das narinas  
como o enfim deixar de respirar sofrido

depois, quando minha carne tremia, disse

- quando eu te amo, venta

e nunca mais parou a ventania.

bandeiriana, pensando em bishop

outra arte:

vê-la a cada dia

- sempre me interessei por seu corpo  
sua cara amassada.

Nina Rizzi

outra pergunta retórica

átis,

lhe entregasse a língua em oferenda, vulva  
calava o grito, lambda?

**congescere, intransitivo**

sentada na cadeira da sala, torno natural  
um dos olhos sobre a criança, os dedos esqueléticos na  
garganta  
que tosse, raspa, tosse, arde, tosse

gostava da suavidade das examantes, queria todas e  
teria-  
as se aqui poema fizesse até virar amor

tão natural como o ato de te beijar esse beijo eterno  
a cada leitura, lembrado beijo

no ato de inventar, lembrar os teus poetas de interior,  
sendo-o  
os assim natural aos que não o sabiam e comigo  
também te beijam  
o beijo doce, lembrado e criado, tão-mais verdadeiro  
que se beijada carne.

## Duas, mínimo ensaio

Tinha a esquisita sensação de estar invisível; despercebida. - Dizia e calava. Via-me ao apalpar as rugas nos olhos. Um espelho é o que separa minha alma à dela.

**poema impossível, dionises variegada**

lançar meu corpo ao cimo  
e alcançar teu nome, abismo.

Nina Rizzi

**além do nome, mulher**

se eu comesse de duas em duas horas, paravam de  
tremer minhas mãos  
a miragem desse corpo de estátua, manchada e inacabada,  
que me habita?



**te amar, assombro**

água e sal são meus olhos.  
deserto é te esperar.

Nina Rizzi

se-lhe

a moça colocou a coluna ereta, arregalou os olhos  
e ficou a pensar em como pescar um bagre sem anzol.

caso descubra um jeito, deverá ainda ficar a calcular  
como comê-lo a um modo que não mais se lhe falte  
e se farta; como se lhe descasca a pele

- bem de-va-ga-ri-nho.

## variação pra basbaque

colocou os dedos sobre meus lábios  
- nesse frio, nieznóvna, não me faz bem a fumaça.

disse alguns desaforos também.

claro que tenho as trezentas e quarenta e sete teses  
da superficialidade, desejo e frustrações  
- o outro no lugar do outro

mas o que fica, é esse cuidado com a minha voz.

## barcarola lusobaiana

quando antónia foi-se, não chorou  
não sorriu, nem eu e nem retratos

devolveu-me as chaves da casa  
jogou os cactos murchos pela janela

juntou papéis em duas caixas debaixo do braço  
fez questão de levar a cômoda estilizada de warhol

olhou-me uma vez mais como o gigante argos  
a passos lentos, deixou a porta aberta

eu fiquei com a sua loucura amassada  
a encher-me os bolsos, malamaiada

antónia tinha a cara imberbe, atônita quando foi-se  
e nem mais nada se moveu.

## em lugar de lúdico

com o chicotinho de lou-salomé, voglia  
me diz adeus. com um beijo nos olhos  
me fecha a caixa acústica

poemas, bicicletas, homo  
ludens, só o antes e nunca  
mais. occhi, eco.

Nina Rizzi

**presto assai**

ficou quatro dias sem comer.  
quatro dias esperando pelo homem.

ele havia ligado

- oi, gostosa!

- mas porque você não diz “bom dia, meu amor”?

[fosse eu, mais de birra que convicção, diria: não sou  
nem baitola!

- gostava de ser a gostosa do meu homem, dele, *poien.*]

o descuido com seus eus, *poiesis*,

mais que a convivência, o esgotava, desgostava  
ao ponto de ver as moças balançando nas ruas

como pencas de bananas, ficou quatro dias  
sem comer, esperando pelo homem que ele não era.

## poema só para bandeira e voglia

quando fui me deitar ventava, a menina esperneava o calor  
sem qualquer maldade a agasalhei na rede.

fumei meu último cigarro da noite enquanto balançava  
pra lá, pra cá, pra lá, pra cá.

Nina Rizzi

pensava na mulher que tenho sonhado, mulher que  
chamo voglia  
sonhava seu riso contido, o beijo que lhe dei e sua res-  
posta, lágrima de ouro.

quando acordei, o sol subia pelo horizonte do mar  
amarelo e dolorido como há-de ser o sol.

me lavei, lavei a menina e saímos  
depois do meu café amargo, dois cigarros.

agora fico aqui, tentando encontrar esse verso arisco  
que lhe diga  
- voglia, ainda sonho contigo.

## terceira cantata pra depois do nunca mais

brotou-me também um vermelho dos olhos  
possível anunciação de que nada passará  
do quase início, o nunca ter sido

sinto frio nas extremidades e estômago  
tenho um gozo profundo que me faz chorar  
debaixo do cobertor amarelo que me cobre de ternura

sou um eros civilizado

não faça sexo comigo  
deixa que eu faça  
beijo teu sexo como a visão fidedigna de qualquer arte  
fica quieta, e me deixa te caminhar, a boca, o ílio  
quieta, é um chamamento ao bem-me-quer que guarda

cada pétala de mal-querer  
ou não me deixe te beijar o sexo  
mas me deixe

secar os lábios, os olhos, voglia



## cartas pedagógicas

o que pode meu livro sobre a mesa?  
com as marcas de gordura na borda, não foi lido.

o homem o pegou como desculpa para ver, ainda mais  
uma vez, a mulher que não consegue deixar.

dentro das bordas engorduradas  
um bilhete, um nome, um telefone.

outro nome que podia ser qualquer outro  
e ainda domitilla, carolina

- obrigada por ter cuidado de mim  
tão direitinho.

ele que nunca cuidou do que não podia ser  
limpo, forte, delgado. engordurou as bordas.

fecho o livro. e tudo.  
o farfalhar das páginas, meu duplo.

## O segundo fragmento da flor

Um dia, pensei Lilítcka  
um anel e o olhar de lambe-lambe.

Mas era Lilie  
sem furta-cor e nem mais nada.

Só o oco do mundo em lugar de nome e habitat.

## Mots sur la Page

[para um poema de Lambert Schlechter]

Foi num doismilidoze que o mundo acabou  
eu também morri.

Mas amanhã, eu viverei novamente  
meu coração batendo ao ritmo do seu nome

o nome-mundo que habita  
quando te crio verdade, poema.

Nina Rizzi



2

# sol a pino

*“Antes de entrar no deserto  
os soldados beberam largamente a água da cisterna.*

*[...] Antes de afundar no inferno  
os lictores de deus me permitiram que olhasse uma rosa.*

*Essa rosa é agora meu tormento*

*[...] Se devo entrar na solidão*

*Já estou só.*

*Se a sede vai me abrasar*

*que desde já me abraze.*

*Esta é outra parábola.*

*[...]”*

*[O Deserto, Jorge Luís Borges, livre tradução]*



## aurora sobre o rio angicos

há em meus olhos a beleza mais colorida.

tão inesquecível quanto o crepúsculo  
da memória ganhada, me ergo, arregalada.

e já não há nada dorido em meus olhos  
se pareço chorar fácil, é verdade  
diante do que de fato importa

o sol, amarelo e vagaroso  
rasgando mil nuvens de paz  
sangrando o rio e meu peito

estio, alvoroço.



## clouds above the ground

*- silêncio. deixai que se perca a memória*

*[das águas*

o poema como marcador  
de páginas - vento, um  
nenhum, cem mil?

ornado de verde  
e todas as outras cores  
ou todas as cores

- menos o azul, a cor mais azul

o poema como marcador  
de páginas - curvo  
língua a lambar a terra - diz:

a leitura de pirandello  
suas nuvens, tal  
como a morte

- imperdível. leio

o poema, pirandello  
as nuvens. o que há para  
ser visto, pisado e nada

ao me ver ao céu  
luminosa pela vacuidade  
infindável e azul, descego

- aquele manto me contém

ao me ver ao chão  
água que veleja e logo  
já é nuvem de novo, constato

- breviário de horas brancas

sim, uma grande coisa  
foi. é. virá a ser.  
“but who explains the reason of why?”

casida a árbol de diana

coração das 22h

água morna em profundo  
a noite no espelho regresso

alguma coisa em lentidão  
busca o sensível

Nina Rizzi

inalcançável

otra casida a árbol de diana

uma voz no silêncio da negra noite se insinua  
silêncio presença que se embosca em minha letra-lembrança.

a duração de seu corpo, pássaro que se debate em fuga.

## casida a federico

minhas mãos buscam o que a rosa declina  
a aurora, a sombra, carne e sonho da rosa

o verdevermelho agônico, absoluto  
todo sangue que fere.

eu não quero mais que uma mão com uma rosa  
sete palmos de pétalas sob o perpétuo e triste vento.

Nina Rizzi

## otra casida a federico

escondida entre o cabelo e olvido  
descobri a rosa, significado da rosa

o que odiava desde o fim e até agora?  
efemeridade, impermanência, humanidade?

o rio sem margens, poesia-coisa.  
cuidado com a rosa.

## casida a korai

fosse mutilada e reconhecia  
como uma invenção do abril vermelho

despedaçado, máquina de calor.  
uma deusa, e tão suja.

- me siento tan vieja, eso es todo.

Nina Rizzi

## desde a terra mais estranha ao inferno musical

*[a flora a. p.]*

todos os dias a acorda um poema no silêncio. o silêncio,  
sempre, as moedas de ouro do sonho... ali, ébria de mil  
poemas, fala. para saber que está debaixo dos meus olhos.



## metavariação pra revelação permanente

um poema de whitman, de maikóvski  
a revolução em meus olhos

folhas das folhas e d'a noite  
simulacro, os olhos que não se encontram

Nina Rizzi

## **cantilena**

era uma vez uma folha atrás da orelha:  
a pedra e a fala, araruama

toró, olvido.

## nouvelle vague

o cigarro vai te matar  
dizem como anticonselho

minha fé, o que é, se matei  
os sabores mais doces, a memória?

nasci ontem  
junto de um profundo inominável

deus, eu vejo godard

do que sou feita, mosaico.

## le beau serge ou un vin dure

transição. processo. ponte

cruzo sete sacadas blindadas  
estação

levanto.

quanto de mim terá ficado?

eva se formou da costela de adão  
da pedra tosca se formara bela estátua  
nuvens enormes formam montanhas no céu

de chabrol, as garras do vício  
e minha carne, verve?

fuso horário. despertador. distopia  
vasos de barro destampados.

## montagem dialética

conto um, dois  
quatro blocos compactos de cor

tantas dimensões

como ser precisa?

viver sem a sombra e a sombra  
misérias materiais, humanas?

tenho no colo um livro  
de anna akhmátova

um mundo dentro  
o diário de glumov

## esculpir o tempo

balões de tarkóvsky  
repletos de poemas  
voam sobre mim

paisagem preparada pra queda  
invasões tártaras e tantas

mas não a servidão

ilumina a barra do vestido  
d'uma, do chapéu d'outra  
as cores de rublev

os meus adereços  
o desespero

## sonatina à hora do lobo

perdida,

não me ouvia senão espelhos, memórias inventadas  
nunca ouvia o nome que lhe dei, amor

um umbigo do tamanho do mundo que escorrego

Nina Rizzi

à minha bergnorama se mistura  
loucura e esclerose

tystnaden, amém.

## vulcão espelho

um homem se sente  
bem ao meu lado

ele me quer porque o deixo  
todas rédeas como ela

ele pensa que sou  
dele eu gosto

o sim e o não  
veronika, véronique



## bandeiriana, pensando em anna akhmatóva

é certo que ela virá  
manto negro a lhe cobrir  
os olhos, lábios

e perguntas, ó por que  
não antes de nina?

Nina Rizzi

## bandeiriana, pensando em ratzel

entrei no salão

corte-me as unhas

há um rasgo profundo em seu meio

a mulher sorriu-me

o riso louco e vingativo

tinha eu visto o homem

que chama seu

comia até virar porco

junto à grande porca branca

deusa, amante, real

pegou-me os pés

seguiu-se às mãos

e o riso foi-se

alargando num sem-fim

estatuária expressionista

alijou-me, sim, mas não da memória  
sangue corrente em minha carne  
cáucaso, ininterrupta ave

Nina Rizzi

solo pra rabeca e trompete

solidão tem tamanho não, sinhô  
vem da terra que a corcunda põe a olhar  
até a única cor que não alcança o céu  
azul

## candomblé pra nanã

as coisas continuam a me morrer  
do barro se seca água, um todo imóvel, vodun

entretantos, rarefeita, piso uma pequena poça, lembrança  
uma toda lama, e eu te sinto a me nascer, egun.

Nina Rizzi

## outro candomblé pra nanã

rios da minha infância

caudalosa memória  
onde me deixei

ficar, partir

videira de raízes grampiformes  
cem mil pés ancorados

na lama de nanã

bonecas de milho  
afogadas, adeus.

## O candomblé de Flora

Como ser verdade, representação? Gania  
através o véu – um filho e o peso da crucificação.

Antes, girou para o mundo, ayè  
ancestral de si.

Nina Rizzi

A mulher enlouquecia  
e nunca nada, nunca foi tão óbvio

Claro, claríssima despedida.

cantata pra deleuze e berkeley

quando ontem papai ligou  
se abatiam meus pés as estradas velhas

era dia de véspera, a arder o oco do mundo

ainda agora mergulho o nada e a náusea  
submundos, paraísos artificiais, o terrivelmente real

chegar entre



## uma dose de razão, três de sensibilidade

um dia beijei as marcas de senilidade nas mãos de eugénio  
de andrade  
e nunca mais deixei de amar tais marcas, nos homens  
e mulheres  
que a contavam, nas cidades baixias e imaginárias da  
minha ternura,

Nina Rizzi

o que não foi, o que já era, o nunca vir a ser

hoje olhei no espelho e não pude mais beijá-lo  
o espaço estava um andar acima como observatório de mim  
uma amiga dançava, amparada nas estrelas

era manhã e o sol já iluminava as lâmpadas pet, implacável  
tinha nas mãos as marcas dos móveis antigos que ei de fazer  
sobre eles, iluminuras, um livro de perguntas

## a hermenêutica do sujeito

quando cheguei em casa levei um, dois, seguidos tapas  
que se enfeitaram ao rasgo vertical, quatro linhas assimétricas

eu era miss celie em baixo plano

seis, vinte, quarenta anos

esperando shug

## POEMA DA DESVAIDADE DE ANIVERSÁRIO

De boca fechada, olhos bem abertos, me examina  
o médico rindo com o canto dos estoicos lábios.

Tenho vontade de matá-lo enquanto dispensa  
o fumo à minha frente - vai agonizar, mocinha!

Nina Rizzi

Essa decisão não é nada boa, por isso deixo a caneta  
de ponta fina - como o salto dez agulha que lhe bateria  
à frente - escorregar por entre os dedos, ao invés de sangue.

Assim sigo mais humana, mentirosa e encardida.  
Morro sem tumor, sem chagas e co'as artérias fluidas.  
Morro completamente, absolutamente.

Um infarto ou qualquer coisa fulminante conquanto dorme  
o coração aumentado.

## noturno da avenida jaguarari

quando fui a ser-te  
deixei de dançar aos passos do sul

a doença como virtude em si mesma.  
sem explicação.

se eu fosse arquiteta, poderia ser arquiteta, mas não  
enfurnada numa casa que deram por minha  
no salto que me fizeram areia entre os dedos

tenho brincado de muitas coisas, um empreguinho de  
vilanias  
ainda e de novo, convale-sendo, me enganado e ao outro.

quando não podia a palavra dizer, dançava

agora olha, eu minto. eu não sei esse nada  
as colagens, a pintura, o concerto, a partitura

digo - te amo, a tudo que é parede, elas me sabem. eu não  
tenho saudade de nenhum parente, mas de tudo o que  
não pude ter sido  
o tempo que não passou, os dentes furados da escavação  
e a geografia afetiva.

eu sei o banho e as baratas. eu sei o acordar, abrir os olhos  
eu sei a lembrança persistente de alguma extinta irmandade  
quando capotava.

## TEMOS DEIXADO MUITAS COISAS PRA DEPOIS

Nina Rizzi

o arroz mofado por jogar fora, os cacos do cinzeiro por  
juntar, fazer amor  
encontrar um rio pra ter o filho com fluidez, se afogar  
e se deixar a-

deus,

desnorteada, que vim a ser-me?

## PALINÓDIA

CHOVE. o céu cinza como arte, buquês mortos no ecrã.  
lembro o que se diz poeta, a gente que gosta do que  
chamar poesia,  
o homem que me enfeita o riso quase matinal  
como pudesse ser além de quase.

a noite não. uma lâmina cega, ponte entre cansaço e espera  
de alguma verdade na carne, algo que não soubesse. o que  
é perene.

o júbilo da terra não é o meu.

tivesse em outro lugar, outra história – um outro deja  
vù, fosse arquiteta ou o quê –  
não açoitava meu corpo a chuva, a poesia.

mas sendo assim, noturna, rapina de si,  
se me abrem as neuroses  
- em cada olho, rascunhos, a morte lenta e a letargia,

qualquer colagem de efeito, maneira mineral.

a chuva para. a noite amanhece. tudo verme, foice, fim.  
mas ainda é tudo antes, transitório, aguarde.

não arriscaria ao mundo um olhar mais doce, menos  
poético.

de todo verso, rejeitar qualquer reimpressão,  
desta vida, uma segunda edição.

Nina Rizzi





3

# ocaso

*“[...] quanto alimento para os cães da memória! Deixa-os,  
consente o esquecimento, solta com raiva das tuas veias  
a música, regressa ao lugar donde partiste.  
[...] Acredita-me: é o momento de nos abandonarmos  
à necessidade, de açularmos os cães, de sermos nós mesmos  
um inquietante rosnido entre as frestas do muro.  
Regressemos, não há Ítaca possível, os corpos  
[...] Porque é tão ansiosamente que espero por ti  
se nenhuma luz mais cabe no terror de mim?”*

*[Seis Elegias, Luis Filipe Castro Mendes]*



## Film, 1959

Hoje não vamos para Köln. Nem hoje,  
amanhã ou dois mil e catorze, meu bem.  
A mágoa arranha as vidraças das catedrais,

escondidas. Já foram olhos, vitrais e saudade,  
agora - com tantas crianças mortas, palestinas  
e irlandesas e decididamente apenas

humanas - cidades apenas, como todas  
as outras conurbadas, caminhadas a ferro,  
coloridas, bombardeadas e esquecidas.

Cidades nossos olhos vidraças que não coram,  
nem riem, nem choram ou menir. Mais um  
inútil estudo para o silêncio, o deserto. Ruínas.

## f2, completar os espaços

tem-me dito mais que a estrada  
- as águas e peixes e estrelas das estradas

os silêncios, os vazios, as ausências.

leio o que na estrada se prefixa em *a, in, des*  
o fundo e o raso, submersão e queda

o homem que não me reconhece, o olho  
do peixe morto. a arte, invisível.

## E-mail para Fabiano Calixto

rapaz, essa vida dura é pura poesia  
nem um grão de arroz, nem um tostão nos bolsos  
e meu chefe esbanjando caviar no *instagram*,

e seu (e dos seus) economiquês do EME-AI-TI  
na conferência de eternos escolhidos ricos da igreja  
protestante. essa onda de reestruturação produtiva,  
de conservadorismo travestido de modernidade, saca?

(os cabelos em pé, os pentelhos molhados.)  
e como sempre eu aqui falando como falo  
e quase esqueço de dizer que esse e-mail é só

pra te dizer: guardei estes dois versos  
- meu chuveiro queimou  
acho que farei leite com mel

é, eu não bebo leite, mas esse e-mail é só  
pra não esquecer que você tem razão,  
meu amigo: poesia é coisa de rua, de fodidos

leite quente escorrendo pela garganta como  
o tédio das coberturas e essas noites perturbadas.  
é, estamos perdidos: - *nihil secundi in ulnas nostras.*

Nina Rizzi

## canção às proletárias de guerra

caem línguas e ouvidos mortos  
sob o céu vazio e cinzento

devia dizer uma velha cantiga  
judaico-germânica

marina c., aqui vai tudo na mesma  
nas esquinas, porões, grades

dentro da concha, o mar  
na semente, uma floresta

as asas dos insetos se debatem  
em palmas ao sem-fim

nós, em meio aos escombros e afetos  
pegamos vassouras, vasilhas, tetos

nos habitam lídices, drédsens  
do caos, imensas catedrais.



## concerto matinal pós-soviético

aurora

nenhum julgamento em maio  
toca a pianola boilesen

eles são os outros, ó henning  
executa no silêncio das línguas seu concerto  
de bom dia - ó, gases! anima-te, ama-te ao meio!

Nina Rizzi

toda a verdade tingida num só corpo nevá-realista

cruzador, proletariusze!  
anacrônica, atraente, a liberdade é uma agonística

a sibéria nunca existiu, novokuznetsk não existe  
corre em tuas veias a pátria-colônia de pestes  
sangre vermelho é o canal do mar branco

ó, yezhov! nunca ouviram a gulag song.

## inverno colorido

o aluno de aline fez uma pintura  
abstrata. ele só faz arte abstrata  
como uma compulsão. misturou  
cores frias à uma quente, nomeou  
inverno colorido. com a ternura  
nos olhos contemplo a criança  
e seu desenho de cinco anos  
garrando a imaginar as crianças  
do oriente, dos desertos e o que  
dizem suas mãos de pintar invernos.

invernos sempre, mas sempre  
coloridos.

## O aroma do barro sob a neve

Enquanto cai a neve  
ela chora sua cor.

Com nacos de tijolos arrancados da parede  
esfrega-os na pele até ser encarnada  
como os brancos, horas sob o sol a pino.

Nina Rizzi

Chora, feliz:  
quando estancar o sangue não  
sobrará essa cor de menino carvoêro

[o professor disse que essa é a pior  
forma de energia, e esses meninos  
escravos sem dono]

será apenas ela, quase como quase  
todas suas bonecas.

## die hochzeit, allee 4

de baldo à cidadela que me abriga os pés  
a cidadela e baldo são a mesma e única

travessia, não-lugar.

baldo, a pior cidade desde drésden  
tão próxima, tão próxima das pessoas que se abandonam

a garota que vê o pai como imagem fidedigna da virtude  
que se deixa sozinha a escorrer pela coca estendida

estupro. aborto. mutilação. desejo.

a geografia afetiva como motivo, ponte  
oposição à esquizofrenia dos pés

fecho os olhos distópicos, um minuto perto  
um minuto e cinquenta segundos do prelúdio

uma flor sobre o corte profundo.

## polaroides urbanas

vi um cachorro a devorar um gato esfaçalhado  
feito essas cenas que se repetem

como das vezes que vou a me esconder na praia  
e me tomam por morta

Nina Rizzi

todos os dias tenho visto seres devorados, dilacerados  
atordoada, rapinas no deserto.

## polaroides urbanas, 2

sete horas  
a cidade cheira a coentro  
as ruas apinhadas de lixo e lama  
mil olhos acima dos corações

nenhum tabuleiro de tapioca  
nenhuma bicicleta  
e ninguém sabe quem é platero

só a fumaça, a urina, um carro por cabeça  
quem vive em fortalezas, é forte, fugitivo, exilado?

a cidade cheira a coentro

## palestrina

trezentos pontos para um único centímetro de vestido  
- essas florezinhas que só existem nos jardins de getsêmani.

Nina Rizzi

petit genre

frutos apodrecem sobre a mesa  
- os caquis rolavam sobre o corpo

relembra

corpo de verão eterno, a carne  
não os galhos que sobem ao vazio.



## sem título por falta de sentido

tenho um pedaço de biscoito no dente 44.  
disse isso a uma amiga e ela perguntou: sabia que só  
temos 32 dentes?

os dentes são numerados de uma outra maneira.  
eu não entendo. nem sei porquê. mas não tem problema

Nina Rizzi

essa dor no meu dente 44 desvia os meus sentidos,  
momentaneamente  
e quase esqueço das roupas pra lavar jogadas no chão da  
cozinha  
da tv ligada e muda ao meu lado e a língua que morde  
com algum desespero

toda a realidade do mundo, por alguns segundos, cabe  
no meu dente 44.  
então, nem mais uma saudade.

até que aparece a menina com a caixa de fósforos

hoje é segunda, mãe? sim. então pode fumar.  
retiro com impaciência nacos de madeira e cavuco  
o dente 44, até o fundo  
minha boca transborda a dor e sinto suave

de dentro da lateral de dentro do meu pé esquerdo  
se mexer a cicatriz.

enxágua a boca, me olho e sorriso tão mal  
o dente vai bem, alguma resina resolverá.

e a realidade se transfere aos idos da memória.

como nunca tivesse tido um dente, mordo o bira do cigarro  
e me incendeia tudo que não é mais físico  
os vidros quebrados aos longes  
algumas mulheres com seus risos.

## o tigre ama carne fresca

costascolo, será o nome de quando se tem torcicolo  
nas costas e precisa de um colo.

o telefone tocou dez vezes. a guerra avançava.

tendo a cama como concha, me ofereço um riso  
amarelo e esburacado da displicência, ironia.

na sala de estar, dividindo estorietas, imagino

a mulher condenada às mentiras, uma pilha de livros  
que nunca serão lidos e os descendentes.

falta bem pouco, pra que eu seja também uma mentira  
costascolo, guerra, telefone, sala de estar:

nada que se ajuste ao deserto dentro.

## outra variação pra atravessamento

quando sexta adoeci, era noite baixa, o largo distante  
e vago  
refém das ilusões perdidas, meti-me no coletivo  
e deixei sacolejar no último banco a cabeça  
em sincronia com as voçorocas

e como não escorresse sangue, corri  
como se nas escadarias do chateau de nilda

luxúria, pó, a agonia encarnada no homem  
que só me serve por ser bruto, arisco  
pronto a me matar em espada, ferro e convulsão

pra rebentar os óculos, a insegura caverna  
levitar até arder o esquecimento  
preciso dessa dor que me atravessa os idos  
e o invisível, me rasgando a carne, até o levitar

dos ossos com a terra, esvaziar-se, des-  
ser.

## contrapoema à mulher que hesita

ela matou meus leões quando disse não sei  
não tão encarnado, não tantos, todos, quando (e era  
quases)

mataram seus leões logo ao nascimento  
deixando como herança a moral imprestável

Nina Rizzi

todos os dias nos matam nossos leões, o ter que sair ao sol  
retirar a neve, espanar a poeira, separar moedas pras  
esmolas

mas temos ainda toda a eternidade de leões - no corpo  
nos passos, nos olhos, nos peitos - livres.

## missa à mulher de nome trocado

pela primeira vez ouvi *blue suede shoes* e não sorri  
não dancei os pés em reflexo, os ombros alquebrados

a fumaça parada no ar trancado, ocre, azedo.

um homem me oferecia café, como lembrança  
dos calos que a lavoura me deu na infância  
dizia de anjos, demônios e todas as coisas

pairam sobre o universo, abscesso, tortura.

agonizava o telefone que não ligava, não tocava, não atendia  
e o outro homem que só dizia “sou eu”. agonizava em tudo

além os homens e todas as pessoas mortas. o mundo me  
adoece.

## FRAGMENTO PISADO DE UMA URNA GREGA

*[para Fernando Monteiro]*

Este pedaço de pedra em minhas mãos já foi a Acrópole  
e já foi uma ideia de viagem, um mistério do velho  
Elêusis, um nome  
de poeta e de outro poeta, careca – como nunca grego -  
e grego, primo do primeiro poeta.

Nina Rizzi

Ouvi da pedra: é penteliana, mas já não digo  
das brincadeiras que se faz com nomes, entre o  
Agora, o Beijo e o Pentélico.

Este pedaço de pedra assassinou muitas gentes em suas  
passadas  
e o faz agora, mas muito doce, com os meus olhos  
cascalhos que despedaçam ou um lobo convertido em pedra.

## AS IGREJAS DE LÁ SÃO AS MESMAS QUE AS DE CÁ

Nadam sobre a superfície  
Dos rios de nata-merda  
Os Homens Cheios-de-Razão

Com a fluidez de um pântano  
Apregoam-me Escolas, Suas pencas  
De Escrituras Sagradas  
Ó Verdade Absoluta oferecida  
Às penas de não-leitores  
Ó Abóbadas Celestes  
Celeste é a minha Aurora  
De páginas e páginas queimadas  
Inúteis Achados  
O mundo é uma Invenção

Aurora da minha vida  
Contra a incitação ao picareticídio  
Por que também não me torrou a chão?



## POEMA SÓ PARA M. E YEATS

Uma delicadeza de renda nunca deveria ser rasgada  
- como a menina batida e pisada que nunca sai da cozinha,  
um soluço no silêncio.

Estendem-se sob os sóis as belezas indizíveis, indecifráveis  
- estamos sempre sós, abismos entre a verdade de cada um.  
Beleza, solidão, mentira de cada um.

Quisera poder desdizer as lágrimas na chuva, as pérolas  
aos porcos,  
todo cinema que não é mudo e movimento  
- tudo é para se perder.

Uma vez quebrados os suaves cristais do esquecimento,  
nada pode ser claro, não resta qualquer bondade ao mundo,  
tudo se deslinda por olhos e paixões humanas.

Quisera guardar toda lágrima em caixinhas de músicas,  
de costuras

como coleções de autógrafos e pêlos da língua inglesa,  
desconhecida.

Fazer de toda pele uma delicadeza de renda.

Mas é noite. Todo dia. A chuva açoita cada alma enjaulada  
homicidas temendo e esperando ressuscitar à morte de  
cada dia.

Tecidos celestes rotos  
- tudo é para se perder.

## ESCRITA AOS ÍMPARES

Desce. Desce mais ainda.

Aqui, ou em Zimbábue, Tsárskoie Seló ou East Coker

É sempre escuro depois da zero hora

Escuridão de chão e muros e pedras.

(Não conhece ainda a escuridão das águas e o vento

E nunca existe o Bom-Selvagem se um dia pisou e viu

O chão, muros e pedras)

Desce. Desce mais ainda.

O frio já invém e cada pedaço de lugar

É comido pelo tempo, triste lugar.

Pedra ontem, pedra hoje e nunca

A mesma diante do olhar variegado e tua descida.

Desce. Desce mais ainda.

Que importa se o agasalho mal te cobre

E todo olhar variegado é igual?

Passam os seres com suas desumanidades e doenças  
Tantas, como as tuas. O normal é que os desaproxima  
E faz bochicho, chacota, ou nem isso e nem nada  
Como a lua nova na calada madrugada

Desce. Desce mais ainda.  
Até que não haja um só dente na escuridão.  
Reles, vil, faz-te de cada cimento e aço  
Dos lugares que não o-são  
Transubstancia-te de tudo o que fizeram  
A Grande Civilização e Cultura, te alastra  
De todo o Tempo e a palavra  
Costume, hoje é mais um dia.

Desce. Desce mais ainda.  
Ácido, pérfido, até que descalce  
Todo milagre – o falar, o ranger dos ossos  
Qualquer lágrima como lâmina fria  
O calor de uma e outra mão.

Conversa com a Treva, os desclassificados das calçadas  
Aquele que agoniza numa casa em chamas, Escória e Só.  
Conte aos amontoados de pele e ossos

E a carne-necrose dos segredos menores -  
O ínfimo, o invisível, esses séculos de História, Pó.

Desce. Desce mais ainda.  
Com a lata, as cinzas, o isqueiro e a colher  
Os lábios queimados e o sangue exposto  
Sê mínimo, agudo, cidade-baixa.

Então te levanta.  
É Gente.  
De frio e escuro e solidão.  
E pode ser Grande.

## SEGUNDA, ESVAZIAMENTO: ELOGIO

*À B., que também é C.*

Sinto, e ao nomear as coisas, traio-as como Araetê  
às veredas. O outro, ao nomear o outro, ter-me-ia  
à luz? Repito esse outro que também sou eu

- Tenho me aperfeiçoado em ausente.

O arquivista da Douradores permanece in border.  
Invejo-o a se desgrudar de qualquer arremedo e som.  
Habita cada junco entre os dedos de não se dizer

- Sozinho, desolo-me; acompanhado, um oprimido.

E como pretendesse ser, criar qualquer presença,  
diálogos inenarráveis, a verdade primeva e anterior  
a tudo. O indesejável. O silêncio

Dos lábios que escreve e arquiva.

Ausência, a total inabilidade em ser junto  
mais que junco. E, ainda e de novo, repete  
abaixo à mácula desnecessária no nada:

- Quero a rua dos Douradores!

Nina Rizzi

## contrapoema ao homem do meu tempo

o homem do meu tempo me maltrata

sei que não sei dar carinho a quem arqueja e freme  
há nódoas entre meus dedos, ora caio às fórmulas  
como seu soubesse o que devia dizer e foi maldito.

o homem do meu tempo agoniza

e não lhe adianta minha barroca catedral  
se lhe tenho de fazer repetir o *pater nostrum*, assim, em  
latim.

talvez do vinho chileno, apareceram varizes em meus  
joelhos  
cobertas por ásperas elevações, como brotoejas brancas,  
sem dor ou comichão  
talvez ainda das culpas que não carrego, a moral que  
renego.



o homem do meu tempo chantageia e sofre:

- minha mãe só me dava carinho em convalescência.  
eu posso ficar nua e lhe mostrar cada uma das marcas  
de minhas surras  
e se não as guarda meu corpo, carrego na memória.  
eu não sou boa, amo o túlio canalha de hilda hilst como  
se fosse redenção.

o homem do meu tempo em se punir, manso, me es-  
trangula e ri:

- tem medo de mim.  
quisera uma vez mais ser mulher, sagrada prostituta,  
quisera  
e eu não, nada.

o homem do meu tempo saca o rivotril

me mete pânico e encharca o corpo cansado, as mãos de  
perdidas digitais  
as tais marcas de senilidade que me são a mais pura  
ternura.

foi-se embora o machão, ele é a colombiana que chora  
por gozar  
sofre de ansiedade antecipatória o homem que lhe  
abandona.

não, ele não teve um ataque, um treco, enfarto

o homem do meu tempo se matou quando descobriu a  
vida.

## ensaio para atração do medo

quando da treva me levantei, adormecida, viouvi  
- afi an-hari, a sonata pra tabla baladi

[sei que não gostará as contações, revolverá o grito]

sem que reste qualquer maldade ou coragem, pronta às  
mentiras  
finalmente um último enfim depois do nunca mais:

Nina Rizzi

## ZONA PROIBIDA DO SER

*“Esse est percipi” - Berkeley*

Um punhado de extratos pra se comer das mãos

- Olha, minha vida bela como coisa acumulada!

- Olha, minhas palavras forjadas por bem menos que a carpintaria!

... Eu existo.

Basta um espelho para escarnecer o mundo-dentro.

Pequeno-mundo, a verdade se deita ao monstro do nada.

Debaixo do nome

A jaula e o silêncio.

## NA ESTRADA DE SINTRA

[para Raul Macedo, sempre]

O que acontece quando morrem os poetas?  
Insensíveis, vão, corpo e mente findos. Ficam essas  
Palavras e àquelas mais que lindas, lazarentas, dizia o  
poeta  
Drummond ou eu que disse assim, de ler assim o que é  
meu

[disse, morreu o homem, um poeta não morre nunca  
Fica - como o último bebop da *Náusea* que não deságua  
no nada -  
Para a cada lida ressuscitar].

Mas o que acontece quando morrem os homens?  
Podia ser uma alegria, um conforto qualquer crença  
Mas eu, que como 'meu' homem e poeta não posso crer  
em nada,  
Penso em sua memória – *exercício em desconstrução*  
Lembro que minha cabeça não dá folga e não posso ter  
um amigo

- desses que a gente manda uma mensagem na madrugada atormentada

“sem mimimi: te amo, poeta. obrigada, te beijo, viu. é bom

ter um amigo, como se pudesse fazer parte do mundo, ter uma conversa digna, enfim...”

Desses que sorriem e respondem: “eu também. te beijo, nina. não fica triste, se não tem a tua, eu te em- presto

a minha mãe.”. Desses amigos que nos respondem e parecem viver

A mesma “sinto que eu tô afundando de propósito” e você pode

Dizer “acho que vou fumar um cigarro lá fora, ver os carros

[comboios, ele corrigiria] passarem- como a vida sobre nós. eu penso

em suicídio todo tempo. eu vou fumar um cigarro caminhando lá

fora e é uma pena que nunca chova no ceará, porque a chuva talvez

me fizesse sentir viva”.

Hoje a poesia vive. Plena, pereníssima.

Um amigo não é qualquer amigo, como o amigo que te beija,

A amiga que te afaga e suporta e aqueles raros amigos que a gente suspira.

O homem que chamo meu, não sem disparate e sem romance

O homem, tão menino ainda

Morreu. Agora chove no Ceará. Chuva sem metáfora nem mais nada.

Chuva que eu caminho a lembrar de sua última mensagem

Um poema de Pessoa vivo “[...]”

*Na estrada de Sintra ao luar, na tristeza, ante os campos e a noite,*

*Guiando o Chevrolet emprestado desconsoladamente,*

*Perco-me na estrada futura, sumo-me na distância que alcanço,*

*E, num desejo terrível, súbido, violento, inconcebível,*

*Acelero...” e eu só lhe disse: “você sempre estará em*

Sintra

e eu ‘*Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...”*”

## inundação

era noite de bafo quente.  
a rigor, madrugada.

o calor batido fê-lo carne voar longe.

um estampido.  
feito tiro, finalizando tudo:

o semáforo verdevermelho,  
a rua de passantes apressados,  
o coletivo cheio de curiosos.

uma batida quente e escura  
inundou o asfalto de sangue e carne fraca  
e fê-lo findar.

era noite de bafo quente  
o dia que experimentou ser

livre.



pra acabar com o freudianismo, balada pra o bastardo  
que dança em meu ventre

empresto meus ovários, doo  
meus melhores cromossomos ipsilones

mamãe não me dá dinheiro, há que sobrar  
para as pedras dos amantes, a dança da cópula  
e o esmalte pra o ranger dos dentes

Nina Rizzi

faço tudo  
um container de lixo, caixas eletrônicos  
semi-acordada, disléxica

tenho muitos anos e poucas rugas  
ou o contrário

não me lombro

podia ter um filho  
grande, enorme

de onde me sairia mais ainda

jamais faria uma cesariana  
descia de cócoras às minhas margens  
e bebia meu sangue pra nunca  
deixar de ser encarnada

mas é sorte dele não ter nascido  
quereria voltar, expulso do mundo  
voltava e pisava em meu câncer  
até doer o útero, e eu gostava

pego com os dedos a maravilha  
e quase posso crer na divindade das coisas  
ele é miúdo, miúdo, contrário  
à gravidez, quinhentas vezes mais

enfio as mãos dentro de uma mulher  
eu não sou misógina  
eu quero machucar mamãe

prometi escrever ao filho  
ou nunca mais escrever

sem resposta, matei o carteiro  
mendiguei, dormi atrás das grades  
pra me manter viva de verdade

o aborto, o concebo, o amo

monossilábicas ao pé ouvido

Nina Rizzi

## outra canção freudiana

ela não gosta quando lhe escrevo  
açoite na carne fria; quando digo  
*pater*, mulher. ele também não.

não sabem, ignorantes, em casa  
como come a peia, as duas mulheres  
que o disputam, *pater*

o desejo na pele fina  
o medo na retina  
sangue nas paredes claras, nos lençóis  
amarrotados e macios.

não viram meu pai, superego que enterrei  
a dentes e lágrimas e a cara horripilante  
da velha, vingada.

do que gostam, a boca aberta em *facefucking*  
vulgívaga arreganhada, os calombos no lombo  
protuberâncias no lóbulo frontal, lobo

me querem, dedos de lhes arrancar juras  
- caso, voo, amo, morro.

é o que posso lhes dar, criança de seis anos  
dele, dela  
pai, mãe, irmãos  
educadores sexuais.

bota-fora pra jornal  
celebro-os, ó vida! ó reprodutores!  
ó cana nas pernas! à vossa morte  
por lupus, enfisema, cirrose e meu querer.

Nina Rizzi

## o último poema

ah, que judiação, nosso chão preferido, os melhores  
cinemoemas,  
- tombados, tomados, igreja.

dunas. menir. ruínas.

## PRÓLOGO

Escavo o ancestral impossível - o Belo, o Sublime, a Verdade -  
delicadezas em meio a um espólio de ruínas.

Contemplo o amontoado do passado, do que sobra  
o real é o que não se pode ver, o fragmento, a não-ade-  
quação;

Nina Rizzi

A constatação do absurdo:

A vida tem a duração de uma tragédia  
começa pela manhã, termina com o dia.

De olhos bem fechados, lembro: *deserto é esperar.*  
*deserto é desesperar. deserto é dentro. deserto é o melhor*  
*jardim.*

Silêncio. A duração do Deserto.

[...]

*Hoje não me resta (à parte o incômodo de estar assim sentado)*

*Senão saber isto:*

*Grandes são os desertos, e tudo é deserto.*

*Grande é a vida, e não vale a pena haver vida,*

[...]

*Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.*

*Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre o canto das*

*camisas empilhadas,*

*A ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.*

*Tenho que arrumar a mala de ser.*

*Tenho que existir a arrumar malas.*

[...]

*Grandes são os desertos e tudo é deserto,*

*Salvo erro, naturalmente.*

*Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!*

*Mais vale arrumar a mala.*

*Fim.*

*[Grandes são os Desertos e tudo é Deserto, Álvaro de Campos]*





## ISTOPORACASOÉUMPOSFÁCIO? SÓ-SEI-QUE-NÃO-É-FÁCIL

Desde que aquele Estefânio falou que a poesia é feita de palavras ela não parou de sê-lo, exceto as que não são. Nesta caminhada um certo M. disse a N. coisas sobre a duração de um tal deserto num ambiente desiluminado, rendido – poesia de fodidos? –, contingente, o espaço da experiência original, em que se caminha indefinidamente na periferia do tempo e da história sem chegar a lugar algum. O mis-en-abîme inalcançável da casida a árbol de Diana.

E vi nas palavras do poema o dizer de um certo Manoel que carrega água na peneira e poetiza um Chevrolet gosmento e deixa tudo em desastroso silêncio, sempre, as moedas de ouro do sonho.

Eis o deserto, a solidão fascinante da linguagem, a ameaça constante do desastre.

Vi muita coisa. Vi a alma de bandeira em sua delicada incomunicabilidade. Vi pernas feias e tortas – possivelmente estúpidas –, uma cara amassada.

Junto com esse amasso vi uma verdade criada, o nome-mundo, o poema, rio sem margens, nem segunda nem terceira. Cuidado com a rosa, e com o Rosa. Letras não precisavam ser maiúsculas nem minúsculas, explicam demais.

Vi o poema, universo de lugares e seres estranhos inimagináveis: onetti, grodeck, trackl, groen hondjie.

Vi fantasmas inesquecíveis: o Manoel e o Manuel, a Hilda, o Pessoa, o Yeats, o Carlos e outros mais.

Muita poesia, intensa, inquieta, aquele peixe que se pega de repente com a mão: puro susto e horror.

Vi muito mais, é difícil dizer.

Ninguém vê nunca tudo.

E não digo nada a N., fico calado.

Cid

[Cid Ottoni Bylaardt, Possui graduação em Letras (1976) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006), e pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Coimbra, Portugal. É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará, com projeto de pesquisa denominado “Esvaziamento da História nas Literaturas Brasileira e Portuguesa Contemporâneas”.]



Os poemas de Nina Rizzi são daqueles que dão na gente vontade de sacudir as pessoas perdidas nas estações infernais da vida não-simbolizada, dizendo-lhes, num sussurro ao pé do ouvido ou com um grito nas órbitas oculares, que das grutas de Lascaux até o *e-book*, passando pelas páginas impressas e pelas telas e pelos vídeos e pelos palcos, existe uma dimensão nova, uma diferença, um maravilhamento e uma monstruosidade de que ninguém, em visita por nosso grão de areia particular solto na Via Láctea, deveria se privar.

[Carlito Azevedo, *Risco/ O Globo*]

Nina Rizzi tem algo de uma Emily Dickinson que houvesse passado uma estação no inferno e no paraíso de uma aldeia Massai de tambores quase calados pela TV nas aldeias de mulheres milenares carregando a água para guerreiros preguiçosos e sem ter o que caçar (ou contra quem guerrear) num mundo sem água para os elefantes enfurecidos que, um dia desses, investiram contra aldeias com a fúria sagrada dos animais — aqueles animais cuja solidão nós deixamos de compreender porque estamos ainda mais sós do que eles, entregues a *terra desolada* do mundo intranscendente para o qual a poesia é, ou deve se tornar, uma coisa “bonitinha” ou então não é nada. [...] Eis uma poeta no domínio da sua linguagem — com uma força vital que deve vir diretamente da Grande Deusa esquecida nos montículos de zigurates que aplainamos para construir cemitérios de prédios de apartamentos lotados de baratas e comida enlatada e caixas de papelão de pizza com sabor de isopor dos sábados “que suam” antes do domingo mortal das TVs ligadas. A poesia de Nina Rizzi é poesia de salvação — eu diria isso se a frase não fosse se parecer com as escatológicas palavras de pastores da desordem religiosa (?) vociferando como empregadinhos gordurosos do Moloch que nos domina e controla: o Mercado.

[Fernando Monteiro, *Fora de sequência/ Jornal Rascunho*]



foto: Mariana Botelho

Autora do livro de poemas *A duração do deserto*, Nina Rizzi (SP, 1983), vive atualmente em Fortaleza/CE. Historiadora, poeta e tradutora, tem poemas, textos e traduções publicados em diversas revistas, jornais, suplementos e antologias. Publicou *tambores pra n'zinga* (poesia, Orpheu/ Ed. Multifoco, 2012) e *Susana Thénon: Habitante do Nada* (tradução, Edições Ellenismos, 2013). Edita a *Revista Ellenismos – Diálogos com a Arte* [<http://ellenismos.com>], e escreve seus textos literários no *quandos* [<http://ninaarizzi.blogspot.com>]. Atualmente traduz as *Obras Completas de Alejandra Pizarnik*.

Contato: [ninarizzi@gmail.com](mailto:ninarizzi@gmail.com)



Esta obra foi composta em Adobe Caslon Pro  
em fevereiro de 2014 para a Editora Patuá,  
ao som de “Echoes from Ugarit”, Malek Jandali.

Há 100 anos morria o poeta paraibano Augusto dos Anjos.  
Talvez esse 14 seja o fim do mundo, e não o 12 como diziam as profecias.

Quando um poeta morre é quase-como o fim do mundo  
neste início de 2014, já se foram:

Moacy Cirne, Juan Gelman, José Emiliano Pacheco,  
Donizete Galvão, Aguinaldo Fonseca e José Terra.

Quando um poeta morre,  
é como atravessar um deserto, viver num campo de neve.

*Raul Macedo, poeta que não esqueceu os desertos,  
aonde estiver: este livro é seu.*

*Estamos juntos, e  
“que um decassílabo não me detenha  
de meus resquícios de poeta lírico.”*

Tiragem de 100 exemplares